

O poço e a roseira

O poço retratava a roseira tristonha
 E pensava consigo: «Ah! terríveis chavelhas!
 Espinheiro infernal, quanta maldade espelhas!...
 Lâminas e punhais, infortúnios e vergonha...»

A roseira, porém, como quem serve e sonha,
 Expandiu-se e lançou lindas jóias vermelhas,
 Astro verde a luzir em formosas centelhas,
 E o poço, a condenar, fêz-se charco e peçonha!...

A cisterna infeliz, no desvão da chapada,
 Apodreceu, por fim, preguiçosa e estagnada,
 Mas a planta floriu ao sol do Grande Todo.

Alma, edifica e segue, abençoa e auxilia...
 Mal que procura o bem faz-se bem, dia-a-dia,
 Mal que fica no mal faz-se tóxico e lodo.

ANTÔNIO FÉLIX

Liberdade

Para ser livre da mundana escória,
 E alcançar a amplidão rútila e bela.
 Vence os ríjos furores da procela
 Que te freme na carne transitória.

Despe os adornos da ilusão corpórea
 E abraça a estranha e rígida tutela
 Da aflição que te humilha e te flagela,
 Por teu caminho de esperança e glória.

Agrilhoado à cruz do próprio sonho,
 Vara as trevas do báratro medonho,
 Nos supremos martírios da ansiedade!...

E, ave distante dos terrestres limos,
 Celebrarás na pompa de Aureos Cimos,
 A conquista da Eterna Liberdade.

CRUZ E SOUZA